



Opinião

2015 promete inversão no setor da construção

Carlos Matias Ramos
Bastante da Ordem dos
Engenheiros



O setor da construção foi, na última década, um dos mais afetados pela crise, havendo agora expectativas de uma ligeira recuperação. Um estudo da Informa D&B, empresa que fornece informação empresarial, aponta para um crescimento da atividade em 2015 na ordem dos 2%.

Várias são as razões para esta inversão do ciclo, a que não serão alheios os anúncios do Governo sobre a implementação, em 2015, de alguns dos investimentos públicos associados ao PETI (Plano Estratégico dos Transportes e Infraestruturas), que prevê a execução de projetos no âmbito do Horizonte 2014-2020 e outros relativos ao Portugal 2020.

Com base nos dados do Eurostat, de 19 de janeiro, constata-se que, em novembro de 2014, face ao mês homólogo de 2013, a produção no setor da construção aumentou 2,2% na zona euro e 2,5% nos 28 países

da União Europeia (UE), enquanto em Portugal decresceu 5,7%. Ainda assim, durante esse mesmo mês, o nosso País registou um acréscimo de 0,2%, contrariando a quebra dos três meses anteriores.

Ao contrário do que é por vezes referido, as grandes empresas portuguesas de construção apresentam um comportamento bastante favorável face às suas congéneres europeias. Este facto é bem evidenciado no Relatório do Banco de Portugal, intitulado "Análise do Sector da Construção", de janeiro de 2014.

A eficiência operacional das empresas de maior dimensão do setor da construção consta do referido relatório, sendo a comparação com as congéneres europeias feita com base no indicador de EBITDA (indicador financeiro que traduz os lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização), gerado por unidade de volu-

me de negócios.

Neste indicador, as empresas portuguesas exibem melhor produtividade em comparação com as empresas equivalentes do conjunto dos países selecionados (Espanha, Itália, Áustria, Bélgica, Alemanha, República Checa, França e Polónia).

Da análise dos resultados constata-se que, nas empresas nacionais de maior dimensão, por cada euro de volume de negócios, foram gerados 15 centimos de EBITDA, enquanto, por exemplo, nas da Alemanha esse valor foi cerca de metade. As empresas equivalentes da Polónia apresentam o pior resultado neste indicador.

O que se verifica é que, face a condicionamentos internos, a rentabilidade dos capitais próprios é inferior à observada na maioria das empresas dos restantes países europeus, situação que resulta da estrutura de financiamento das empresas portuguesas,

caracterizada pela dependência de capitais alheios, particularmente de empréstimos junto de instituições de crédito, com elevado peso dos juros.

Em resumo, há indicadores positivos, como a produtividade e o abrandamento da crise na construção em 2014, como refere o presidente da Federação Portuguesa da Indústria da Construção e Obras Públicas (FEPICOP), que prevê que 2015 seja um ano mais animador.

No entanto, tudo aponta para que o "caminho" para o crescimento do setor da construção passe pelos mercados externos. O volume de negócios no exterior mais que triplicou entre 2006 e 2013, com um acréscimo de faturação média anual da ordem dos 18%.

No contexto global, as empresas portuguesas de construção provaram que é possível aceder e vencer em novos mercados.